

Título: Arqueologia do mundo da água, amanhã: o motor operatório da utopia

Resumo: Buscar as marcas da água no universo físico que nos rodeia leva o observador, leigo ou perito, à uma outra maneira de ler e saborear (sic) a onnipresença do Tempo.

O dia-a-dia das descobertas de património cultural permite constatar que o grande publico tem um papel preponderante nos resultados da «Busca».

Nos finais do século XV, representantes dos pescadores de Peniche e Sesimbra protestaram junto da administração real contra os estragos da pesca de **arraste** (sic).

No século XVII, os pescadores de Sesimbra assinalaram à mesma administração a desertificação dos fundos do estuário do rio Sado, devido à acumulação de areia proveniente do lastre dos navios holandeses vindos para carregar sal.

O verdadeiro território da *Busca* evocada acima não é a «água» em si, mas a **fronteira** onde actua a sociedade humana, algures entre o elemento líquido e a «terra» onde residem os homens.

Tal fronteira não para de evoluir no terreno devido à actividade humana (sedimentação/colmatação das zonas estuarinas, por exemplo, sendo o baixo rio Mondego um paradigma nesta matéria) na tela de fundo de longo curso de fenómenos de âmbito natural.

As tecnologias mais modernas aumentam o perímetro náutico das buscas potenciais do arqueólogo de hoje, nomeadamente no mar alto ou no mais profundo dos sedimentos de um estuário.

Mas em definitivo, é a força numérica, a dimensão demográfica e social dos Sherlock Holmes civis e benévolos caminhando a pé ao longo de uma praia ou

de uma antiga margem fluvial, longe da «água», ou no exercício da sua profissão (pesca, dragagens) que permite alcançar a maré imparável de marcas náutico-culturais que ocorrem no dia a dia da vida social, constelação de memórias latentes, património omnipresente cujas marcas discretas ainda escapam à grande parte das ferramentas digitais.

Nenhum sonar de hoje compete com o olho de um caçador submarino no momento de detectar na areia um fragmento de cerâmica que aflora, discreto, íntimo, calado, à espera de ser «lido».

Tal «utopia-da-busca-e-do-olhar» passa pela comunicação, convívio operatório e trocas nutridas entre uns e outros, leigos, museólogos, cientistas, entidades civis e camarárias, militares até (esses últimos são profissionais da leitura submarina ou litoral de *anomalias* furtivas, magnéticas, acústicas, e outras).

A paisagem cultural marítima dos civis (segundo o conceito de Chris Westerdahl, ex-investigador do museu marítimo de Estocolmo) faz parte do leque onde esses militares do mundo da água exercem a sua arte.

Trocas férteis são possíveis, seminais inclusive, quando o «pescador civil» ajuda o oficial militar a encontrar objectos sensíveis.

Uma experiência em larga escala ao largo de Palomares, Espanha, em 1966 - perda de engenho termo-nuclear a 800 metros de profundidade, ilustrou a fertilidade de tais trocas, longe do *modus vivendi* burilado nos manuais da US Navy, neste caso.

O cimento activo desta utopia náutico-arqueológica é a motivação individual, a mesma que leva alguns a buscar cometas no abismo do céu ou outros a identificar novas espécies de conchas, realidades das actuais disciplinas da astronomia ou da malacologia.

A arqueologia da fronteira Terra/Água está, por sua vez, na lista (social) de espera.

O fulcro ou *motor* é portanto o papel do leigo no exercício identitário do «olhar» sobre as coisas da fronteira Terra/ água que nos rodeia, seja ela feita de barcos a agonizar na infinita humildade do lodo portuário, ou nutrida por diferenças nas cotas da altimetria da paisagem costeira que permitem «ler» a maneira como a água ocupou o espaço outrora, ou irá fazê-lo amanhã.

Há vinte mil anos, no último máximo glacial, o mar do litoral português situava-se cerca de 120 metros abaixo do nível de hoje, levando a admitir que qualquer passeio, em mergulho ou num pequeno submarino, industrial abrange uma paisagem onde o caçador do Paleolítico podia circular a pé.

Já mais perto de nós, o cidadão Donald Trump, leigo assumido e descrente flamejante em matéria de mudanças ambientais, mas proprietário de uma torre alta plantada à beira-mar a norte de Miami Beach, na Florida, irá em breve descobrir com os seus sócios ou acionistas os efeitos das variações do nível do grande espaço líquido, quando o oceano obrigar – falta pouco – os business-homens a alterar o seu modo de gestão da fronteira Terra/Água.

Nas ruas de Miami Beach, nos grafitis ou painéis de rua da estação balneária norte-americana, o conceito de variação *eustática* faz parte do debate social e urbano.

O Tempo está em marcha, política a parte.

Sempre esteve.

Do fragmento de ânfora preso no nylon de uma rede de pesca atlântica até à subtileza da curva da proa de uma antiga traineira do porto de Peniche ou de Matozinhos, o prazer da leitura, como em qualquer concerto, passa pela motivação dos ouvintes», tema e motor da presente conferência.

Nota biográfica: Doutorado em arqueologia naval pela Universidade da Sorbonne e antigo colaborador do Museu Nacional de Arqueologia e do Instituto Português de Arqueologia (CNANS), **Jean-Yves Blot** é escritor, arqueólogo do universo náutico e adepto convicto da fertilidade do cruzamento de saberes num leque que abrange a análise estrutural do navio até a transdisciplinaridade narrativa da *aquarela em modo de story-board analítico* (sic) (cf. Os sofrimentos da Viga-Navio: da ubiquidade da Alma - em francês, *Revue d'Histoire des Techniques*, Univ. Sorbonne e Praga, 2023), sem descartar os pixéis e *nanoTeslas* da panóplia contemporânea em matéria de prospecção instrumental debaixo de água.

Tais cruzamentos, em águas portuguesas, foram ilustrados em livros como *Concerto para Mar e Orquestra* (edição Câmara Municipal de Peniche, 1988) publicado com Maria Luísa Pinheiro Blot assim como outro (*Fahrenheit 1759*, livro-álbum editado pela Subnauta, onde é desenvolvido e promovido com Luís Sá Couto, o editor, o conceito de «magnetometria para grande público»).

Implementado em falsas cores, com recurso à gradiometria magnética de alta resolução, o conceito de «transdisciplinaridade narrativa» inclui neste caso específico os leitores não-mergulhadores em torno de dois navios da batalha naval de Lagos, agosto 1759, o *L'Océan*, e o *Redoutable*.

Os destroços do primeiro (ex-navio almirante de 80 canhões destruído num incêndio) são visíveis em mergulho desportivo ao largo da praia da Salema, Algarve, mas a visita do segundo navio – *Redoutable* – passa por um mapa das marcas magnéticas da explosão deste navio vice-almirante de 74 canhões, da esquadra de Toulon, na Provença).